

Fundada há 12 anos, junta convívio à aposta na divulgação
da cultura tauromáquica

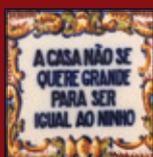
Tertúlia “O Aficionado”

O espírito da porta aberta

A paixão pela tauromaquia vem de longe. Vem de uma geração que, talvez mesmo sem pensar muito nisso, foi transformando um antigo local de conversa, de trabalho e de convívio, num espaço que hoje respira tradições. O espírito da porta aberta continua presente e, por isso, quando se pergunta se existem sócios, a resposta é rápida: “todos os vila-franquenses”.

A história da Tertúlia “O Aficionado”, localizada na Rua dos Varinos, pode ser contada em duas partes. Quem o explica é Maria Manuela Lima, proprietária do espaço e uma das almas do projeto. “No fundo, quando o meu pai aqui se reunia com os amigos, para tratar dos quadros e do mel, nos anos 70 e 80, este espaço já era um espaço de tertúlia, de reunião, de conversa e até de trabalho, já que o meu pai era apicultor nas horas livres. A paixão dele pela tauromaquia acompanhou-o sempre, foi inclusive secretário dos forçados nos anos 50. Foi sem dúvida um grande aficionado”.

A homenagem, não só ao pai de Maria Manuela, mas também a todos aqueles que vivem com emoção a festa brava, seria feita mais tarde, a 29 de junho de 2006, com a inauguração oficial desta tertúlia. “Essa é a segunda parte da história”, adianta Nelson Lima, esposo de Maria Manuela, que partilha tudo o que um casamento supõe partilhar com o acrescento da paixão pela tauromaquia. “Termos este gosto em comum ajuda, pois facilmente chegamos a consensos sobre esta matéria”, graceja Nelson, que aproveita o momento para chamar à conversa o cunhado, José Araújo. Tímido, diz-nos que não é de grandes falas ao mesmo tempo que garante concordar com tudo o que está a ser dito. Percebemos, durante a conversa, que José Araújo, profundo conhecedor da arte, é parte fundamental da fundação e do desenvolvimento da Tertúlia “O Aficionado”.





Exposições são marco na vida da Tertúlia "O Aficionado"



Os olhos, não só os de José Araújo como os de Maria Manuela e Nelson Lima, brilham quando o assunto passa a ser as três exposições que marcaram, até ao momento, a vida deste espaço. “Nunca quisemos que a nossa tertúlia fosse apenas um espaço de convívio, o objetivo é que seja também um espaço de divulgação da cultura tauromáquica”, explica-nos Maria Manuela. Nos 75 anos do Colete Encarnado, ao fim do primeiro ano de existência da tertúlia, o espaço recebeu uma exposição de homenagem ao criador da grande festa vila-franquense, José Van-Zeller Pereira Palha, “um visionário”, conforme destaca Nelson Lima. “Julgo que o Colete Encarnado foi a primeira festa, em Vila Franca de Xira, destinada exclusivamente ao trabalhador. Em 2010 foi a vez de “Um grito de emoção”, exposição que homenageou José Mestre Baptista 25 anos após a sua morte.

Entre estes dois momentos, em 2008, a exposição “Traje de Luces” é uma espécie de menina dos olhos dos fundadores desta tertúlia. “Foi uma oportunidade única”, recorda José Araújo, responsável por conseguir juntar neste espaço algo inédito “e que dificilmente voltará a acontecer”, adianta Nelson Lima. Grandes figuras mundiais da tauromaquia estiveram representadas nesta exposição, como Juan Belmonte ou Ignacio Sanchez Mejias.





Às gerações futuras, apenas um pedido

Mas nem só de passado se fala na Tertúlia “O Aficionado”. O futuro parece assegurado, “porque temos uma família com gente que gosta da tauromaquia e que vão começando a ganhar o gosto por este movimento tertuliano” explica Maria Manuela Lima. “Considero que as tertúlias têm um papel muito importante nas gerações mais novas, porque ajudam a passar não só a cultura tauromáquica, mas também os valores da partilha, do convívio, da porta aberta, do receber e estar disponível para o outro. É importante que os mais novos continuem a fortalecer o movimento tertuliano de Vila Franca”. Nelson Lima acrescenta que “nestas gerações mais jovens há as duas fações, há quem goste mais e quem goste menos, mas acredito que o futuro desta e de outras tertúlias está assegurado”.

Agarrados à lógica de quem vier, que venha por bem, os fundadores desta tertúlia deixam apenas um pedido aos seus familiares mais jovens. “Seja daqui a outros 12 anos, ou daqui a 20, 30 ou 50 anos, só pedimos que mantenham esta tertúlia sempre ligada a Vila Franca. Todos os objetos que aqui estão são de Vila Franca, com quatro exceções, mas também elas com ligação à nossa terra: dois cartazes em seda com o nome de José Júlio, um deles da Feira de Sevilha de 1960, e os cartazes das alternativas do maestro Mário Coelho e do maestro José Falcão”, explica Nelson Lima.

As três vozes unem-se, como um coro afinado, para a última frase da entrevista. Uma frase que dispensa mais palavras: “E Viva Vila Franca”.



Texto: Pedro Castelo
Fotografia: Helder Dias, Ricardo Caetano
e gentilmente cedidas pela tertúlia

